

O NEGRO NO ESPAÇO DAS RUAS DE CAMPINA GRANDE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

João Paulo França¹

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

joaopaulo_franca@yahoo.com.br

Compreender os territórios construídos no espaço urbano de Campina Grande na primeira metade do século XX: este é o objeto central do presente trabalho que se propõe a recompor os passos de personagens e territórios identificados nas fontes de pesquisa como sendo negros². A partir de fontes de pesquisa, tais como: memórias, fotografias e depoimentos orais, percorreremos as Ruas da cidade de Campina Grande com o intuito de compreendermos como no cotidiano do início do século XX os negros construíram territórios para si, bem como também sofreram as segregações inerentes as disputas locais, não só no âmbito social e político, mas também a partir da dimensão racial e/ou étnico.

Os referenciais da História Social e da História Cultural são fundamentais para a nossa investigação. Podemos adentrar o estudo da cidade moderna a partir de diferentes perspectivas, como nos ensina Maria Stella Bresciani³ ou diferentes portas, como nos diz Sandra Jatahy Pesavento⁴. Seja a cidade a partir dos mapas dos urbanistas, das maquinarias e equipamentos do conforto, das multidões nas ruas, palco da luta de classes, etc.. Contudo, seguindo as investigações do Dr. Luciano Mendonça abrimos mais uma perspectiva, que é a partir de um recorte étnico-racial: a cidade negra.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – PPGH-UFCG, cuja pesquisa se concentra no estudo da Cidade Moderna e tem por título *Cidade e Imagens: Crônicas visuais das Ruas de Campina Grande-PB.1900-1950*, sob a orientação do Prof. Dr. Roberval da Silva Santiago.

² Esta pesquisa foi inicialmente concebida para a conclusão do Componente Curricular *História e Historiografia da Cidade Negra no Brasil*, ministrado pelo Professor Luciano Mendonça, do Mestrado em História do PPGH-UFCG.

³ BRESCIANI, Stella. “História e historiografia das cidades um percurso”. IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998:237-258; e “A descida aos infernos”. IN: *Londres e Paris no séc. XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994: p 23-48.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy, *História e História Cultural*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008

As cidades do Norte além de equipamentos e símbolos do mundo moderno, também compartilhavam o estilo de vida rural. Eram cidades, porém, pelo limite físico⁵, eram formadas por indivíduos que traziam consigo o estilo de vida simples e os pensamentos bastante aproximados da vida dos campos. Mas, neste mundo, nem tudo era inocência e simplicidade. A segregação, a divisão étnica pode sim ser percebida, afinal, tínhamos ainda abertas as disputas e feridas dos anos finais do século XIX, um século que se encerrava nos anos, mas que ainda permanecia vivo na memória, latente as disputas ideológicas, políticas e étnico-raciais.

Ser “monarquista ou republicano”, “escravocrata ou abolicionista”, “católico ou nova-seita”, enfim, as disputas eram intensas e os projetos de sociedade e de nação ainda não estavam definidos. Os grupos sociais também não eram coesos em suas aspirações e também tinham diferentes formas de compreender a realidade e de projetar seu futuro. Contudo, em um aspecto as camadas abastadas da sociedade brasileira convergiam: deixar a margem o negro.

Diante deste quadro é importante mencionar que o negro não participou de maneira secundária ou inconsciente. Com seus meios de luta, suas peculiaridades sendo observadas, podemos encontrá-lo na sociedade campinense no início do século XX criando clubes carnavalescos próprios, irmandades, clubes de futebol, enfim, construindo para si territórios naquela cidade que estava começando a ter contato com símbolos e equipamentos do mundo moderno.

1- As Ruas de Campina Grande e a construção de Territórios Negros.

Inicialmente devemos compreender a importância do espaço da rua, visto como um ambiente construído arquitetônica e simbolicamente. Não é um mero espaço edificado com casas ladeadas, separadas por calçadas e pela via onde transitam os indivíduos, automóveis, animais, etc. É isto e muito mais. A rua tem seu espaço físico,

⁵ ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: a experiência nortista”. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Políticas-Econômicas e Práticas Culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001:249-317

mas também tem seus territórios que são construídos pelos diferentes transeuntes e moradores que nela moram ou que por ela passam cotidianamente. É um espaço que tem uma temporalidade que se inscreve não só nas fachadas das casas e edifícios, mas que se cristaliza na memória dos indivíduos, que acabam por representá-lo em documentos escritos, tais como jornais, crônicas, memórias, etc.; em documentos visuais, como fotografias e também por meio da própria fala, que revela a memória, não só daquele indivíduo, mas de certo modo a memória que o grupo ao qual o mesmo pertence constrói acerca de tal espaço⁶.

É neste cenário urbano que encontramos os territórios negros construídos. Se para uma determinada camada social um espaço, como a Rua Maciel Pinheiro é o local de teatralização de poder das elites locais em dias comuns de semana, o mesmo se transforma em dias de feiras: os populares, em especial os negros constroem territórios diferentes para si. Observemos uma conhecida imagem da feira, quando ainda realizada nos anos 1920 na Rua Maciel Pinheiro:



FOTOGRAFIA 01- Feira na Rua Maciel Pinheiro –
FONTE: Site Retalhos históricos de Campina Grande

⁶ Para que este estudo pudesse ser realizado lancei mão, entre outras contribuições, de Raquel Rolnik. Esta autora faz importantes considerações a respeito da história urbana. Importante diferenciação entre a noção de “território” e “espaço” é feita pela autora. Ver: ROLNIK, Raquel. História urbana: História na cidade? IN: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992, p. 27-29.

Esta é uma imagem onde poderíamos encontrar diversas pistas do cotidiano da cidade em dias de feiras. Policiais, crianças, populares com seus balaio, comerciantes, enfim, toda uma rede de sociabilidade que se cria no encontro do espaço urbano específico de uma rua.

Tão emblemática quanto às imagens mais conhecidas da Feira na cidade de Campina Grande, esta foto nos mostra como na famosa Rua Maciel Pinheiro, dos cinemas Apolo e Fox, das procissões, dos carnavais, enfim, dos espaços de teatralização das elites locais, tínhamos uma multidão sazonal que também dava vida a este ambiente, construindo para si territórios diferentes, no caso, territórios de populares onde com seus balaio e suas estratégias de ganho, usavam deste espaço para conseguir seu sustento material. Aí toda uma rede de sociabilidade se construía e certamente, prostitutas, carregadores, agricultores e boêmios se encontravam com proprietários rurais, políticos, letrados, enfim, homens de “carne e osso”, que poderiam se empolgar com as trocas comerciais, com o burburinho da rua e aproveitavam para dar uma esticada no dia, indo aos bares e restaurantes da cidade, ou mesmo a zona do meretrício, localizada a principio nessas imediações, na Rua do Emboca.

Percebe-se, enfim, que o mesmo ambiente pode ser usado e apropriado de varias maneiras pelos indivíduos. Cada grupo acaba por resignificar o mesmo espaço, atribuindo-lhe sentidos mais das vezes bastante díspares.

2-As tentativas de esquecimento do “passado negro” em Campina Grande.

Neste trabalho tivemos uma dificuldade especial, pois nem sempre as fontes disponíveis nos deixaram claro a questão étnico-racial daquela sociedade do início do século XX. Fala-se de um determinado personagem histórico, mas não é citada sua inserção étnico-racial. Assim, de maneira geral encontramos nas crônicas e memórias,

os rastros e sinais daquilo que se pensava acerca do negro, ou do lugar que era reservado para o mesmo em tal sociedade⁷.

Geralmente, encontramos alcunhas depreciativas quando se refere ao negro. São usados adjetivos que mostram insucesso ou esquecimento por parte da sociedade campinense. Se em relação aos “grandes vultos” locais se faz questão de exaltar a personalidade e os feitos históricos, no caso dos “negros letrados” encontramos um certo “esquecimento”. Essa pista nos é legada por Cristino Pimentel, quando o mesmo se refere ao Dr. Generindo Maciel:

Em 1924 (...) Ernani Lauritzen renunciara a cadeira na Assembleia, indo para seu lugar o Dr. Generindo Maciel, anos adiante, tângido pelo destino, foi morar em Belém, do Pará. Morreu no mês de fevereiro de 1943, como catedrático da Faculdade de Direito. Campina Grande ainda não prestou a esse mulato uma homenagem digna, que lembre sua luta no grande labirinto da vida e lhe exalte o valor intelectual. O bronze serve para essas coisas⁸.
(grifo nosso)

Não só “esse mulato” é esquecido pela cidade. Analisando a Crônica de Cristino sobre o Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo, vemos que apesar de haver referências a este personagem em outros livros de memórias, como *Vultos e Fatos* de Hortensio de Sousa Ribeiro⁹, não se menciona sua opinião acerca da libertação dos escravos. Contudo, é importante perceber que, enquanto para estes personagens é desejado pelo autor das memórias que se façam “bustos”, afinal “o bronze serve para estas coisas”, outros personagens históricos ligados a história negra não se tem a mesma preocupação, principalmente os dos meios populares. Vejamos a crônica *O último dos Cambimbas*:

Estou a ver na tela da minha imaginação o “Clube dos Cambimbas”, no Carnaval de 1912. “Cambimbas”, não sei bem, vem de “cambinda, dança de origem africana, que foi

⁷ Os conceitos da História Cultural, por seu viés da Micro-história, nos autorizam buscar, por meio das evidências, os rastros da História que poderia ter acontecido. Sobre esta perspectiva Histórica ver: DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução: BOTTMANN, Denise, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

⁸ PIMENTEL, Cristino. *Mais um mergulho na história campinense*. Campina Grande, Editora Caravelas, 2001. P. 25.

⁹ RIBEIRO, Hortensio de Sousa. *Vultos e fatos*. Impresso no Brasil, 1979.

introduzida no Brasil pelos negros trazidas da África e vendidos como escravos. (...) O clube dos Cambimbas era organizado por negros, que saíam à rua, trajando saias brancas, de chapéus de palhas quebrados a meio-pau, dançando ao som dos ganzares, dos pífanos e dos bombos. Compunha esse clube os negros Manoel Maria, Chicão, Chico Pau Velho, José Rasteiro, Burrinca, José Teodósio, Negro Dão, Cambraia, João Preto, Agostinho e Birunga, que a morte o levou no dia 29 de dezembro, na idade, de 80 anos, para habitar no vale do esquecimento¹⁰. (...). (grifo nosso)

Aqui, encontramos um território negro construído. Enquanto as elites se fechavam em seus próprios clubes carnavalescos, encontramos no carnaval de 1912 essa novidade trazida por negros, que formaram o “Crube Decente de Cambimbas”, como, nas palavras de Cristino expressava “na sua linguagem de analfabeto” o negro Manoel Maria. Mais um adjetivo para o negro: analfabeto.

Na Crônica *O negro Manoel Maria* Cristino nos trás aquilo que lhe interessa expressar sobre o negro: “nos ensaios, que eram animados, Manoel Maria instruía os companheiros: “Óia, meninos, vamos trená direitim prá mostrá aos branco que isso é um crube de negos mais é um crube decente”. Percebe-se que, mesmo fazendo sua crônica muitos anos depois do fato, o autor coloca frases na boca do personagem que remontam um pouco do pensamento daquela sociedade, onde o que era de responsabilidade do negro seria sinônimo de desordem, afinal, desde os ensaios haveria uma preocupação de mostrar que aquele era um “clube de negro, mas era decente”.

Entre os personagens citados como participantes do bloco carnavalesco, encontramos na Crônica acerca da *Rua Maciel Pinheiro*, mais um exemplo dos territórios construídos pelos negros nas ruas de Campina Grande:

Um fato interessante registrou-se nessa rua, num dia de “Topa Boi”. A Maciel Pinheiro, cheia de gente. Um curral armado e dentro um touro bravio, que havia de ser “topado” pelo negro Cambraia, exímio nesse gênero de luta. Se achava no local o negro José Congo, bebedor de

¹⁰PIMENTEL, Cristino. *Mais um mergulho na história campinense*. Campina Grande, Editora Caravelas, 2001. P. 127.

aguardente. Francisco Afonso, vulgo Perua Preta, dono da “Loja da Lua”, que passava por doido, mas era somente engraçado, abeirar-se do negro e o convence de que devia topar o “boi”. O negro, um tanto esquentado, “comeu a corda” e saltou dentro do curral com um pau de carrapateira na mão. Espanto geral. O touro, como que sentido o insulto e querendo apenas assustar o negro, pegou-o com as pontas e jogou-o fora do seu domínio. O negro foi cair no meio da rua. (...) Levantou-se, sacudiu a roupa, puxou uma faca da cintura e gritou: apareça o fio da p... qui dixe que eu sabia topá boi”... O velho Perua Preta escafedeu-se.¹¹ (grifo nosso)

Percebe-se que os negros estavam totalmente inseridos no cotidiano da cidade quando o assunto era divertimento. Contudo, temos a impressão do mesmo ser visto ainda de forma animalesca, afinal, o exímio topador de boi era o negro Cambraia, mas quem acaba por entrar no curral é o negro José Congo, já com a alcunha de “bebedor de aguardente”. Vícios, vadiagem, demonstração de força, são imagens atreladas ao negro neste período.

Para encontramos mais negros, demos uma passada na venda do Major Tito Sodré, uma “espécie de quartel general dos desgraçados que afogavam na aguardente as mágoas que traziam no peito”, nas palavras de Cristino Pimentel. Lá proseavam e bebiam cachaça Jose Camelo, Neguinho de Licurgo, Pedro Maranhão, Inácio Manta, Fortunato, Jacinta Preta, Cobra d’agua, Lamparina, Severino Bispo, João Doido, Couro Grosso, Zé Congo e Bento Lopes. (Grifo nosso dos personagens que identificamos como negros ou mulatos nas fontes).

Quando a figura do negro aparece nas fontes, em especial, nas crônicas e memórias, é geralmente através de um tom de lamentação da vida que levava. É importante ressaltar que esta é uma fonte interessada, não produzida diretamente pelo negro, ou seja, não expressa a opinião que o negro tinha de si e de sua inserção naquela sociedade. Contudo, não podemos deixar de enxergar na documentação a situação precária que boa parte destes negros vivia naquela sociedade do início do século XX.

¹¹ PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2011, p.27-28.

Para entendermos este fenômeno não podemos deixar de voltar no tempo enfatizar que a cidade negra é construída no contexto da escravidão em nosso país. A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 mudou a situação jurídica, mas não a situação socioeconômica do negro na nossa sociedade. Não é por acaso que os negros citados nas crônicas moram em situações precárias, vivem nos subúrbios das cidades, têm empregos braçais, são analfabetos e quase sempre tem apenas uma vida miserável. A liberdade civil os colocou no mundo capitalista urbano para disputar espaço com seus antigos donos, que lhes negava os direitos civis, concedendo poucos direitos básicos de sobrevivência¹².

Assim, voltemos mais uma vez a Cristino Pimentel e deixemos o mesmo apresentar o *Ultimo dos Cambimbas*:

Birunga, o último dos Cambimbas, foi para lá (Vale do esquecimento). Sofreu. Foi um pobre resignado. Alcançou o Rádio, a Televisão, o Cinemascope, o Avião a jato, o Submarino Atômico, e outros inventos. Assistiu ao instalar-se em Campina Grande a primeira prensa de algodão, pelo sistema hidráulico, em 1919; a primeira fábrica a vapor em 1925; luz elétrica em 1920; o primeiro banco; o primeiro arranha-céu etc, etc, sem sair de sua carapuça de chapeado, sempre de pés descalços, do seu andar miúdo. Na mocidade, foi carroceiro. (...)

Birunga passou a ser carapuceiro e, desde esse tempo, até quando morreu, seguiu seu destino, sem sonhos, sem ambição, procurando ser honesto no trabalho. Casou-se, deixou filhos e netos, que seguem na vida a mesma linha de pobreza do seu ancestral querido.(...)

Birunga nunca soube o que é conforto material. Era um pobre resignado, tanto que nunca usou calçado para os pés, e a sua alma se assemelhava à ser, destinado a tudo sofrer com paciência. Morreu sem conhecer as coisas boas da vida, ignorado na sua casinha de taipa. A terra guarda seu corpo pobre, que o há de transformar em um outro. Esse é o misterioso trabalho da natureza¹³ (grifo nosso)

¹² LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará Republicano (1888-1906)*. Salvador, EDUFBA, 2008.

¹³ PIMENTEL, Cristino. *Mais um mergulho na história campinense*. Campina Grande, Editora Caravelas, 2001. P. 127-128

O relato de Cristino Pimentel não deixa dúvida desta mácula da escravidão na cidade negra. Mesmo livre, Birunga “não deixou de andar descalço”, assim como no tempo da escravidão. Sua vida termina de forma resignada, “sem conhecer as coisas boas da vida”, pelo menos na opinião do letrado. É um personagem do século XIX, que brincou naquele carnaval de 1912 e que durante sua vida não foi partícipe de mudanças sociais ou mesmo foi agraciado com as promessas de progresso da civilização capitalista.

Entretanto, o discurso do letrado, de que Birunga fora “destinado a tudo sofrer com paciência” é bastante questionável, pois neste momento de sua fala o autor nos deixa transparecer que não era apenas aquele indivíduo que seria tão “dócil”, mas o mesmo seria o exemplo da gente de cor igual a Birunga. Qual seria a intenção de Cristino de exaltar apenas este lado de nosso personagem, ou seja, o lado da mansidão e da conformidade? Será que Birunga teria sido tão paciente em vida, ou suas estratégias de vida e transgressão foram silenciadas e propositalmente esquecidas da memória do letrado e por “tabela” da História do homem negro que o mesmo representaria?

Em Campina Grande até os monumentos ligados a História negra foram literalmente riscados do mapa, a exemplo da Igreja do Rosário, no centro da cidade. Quando da reforma arquitetônica e urbanística da cidade nos anos 1940, empreitada levada adiante pelo prefeito Vergneaud Vanderlei, a igreja teve sua demolição do centro da cidade iniciada em 18 de outubro de 1940, para ser transferida para o Bairro da Prata¹⁴. A igreja de Nossa Senhora da Conceição, também no centro, ficou intacta, mas aquela, que tinha por padroeira uma santa ligada as tradições negras em nosso país, foi simplesmente demolida.

Também foi tirado do centro da cidade e da memória dos campinenses o monumento em homenagem ao escravo desconhecido. Segundo Cristino:

As pedras polidas, depois de rolares à toa por diversos cantos, foram aproveitadas, pelo prefeito Bento de Figueredo, que em 1940 erguera um monumento ao Escravo Desconhecido, na Rua 13 de Maio, que foi apelidada de “Praça relâmpago” por ter sido construída e

¹⁴ CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, p. 135

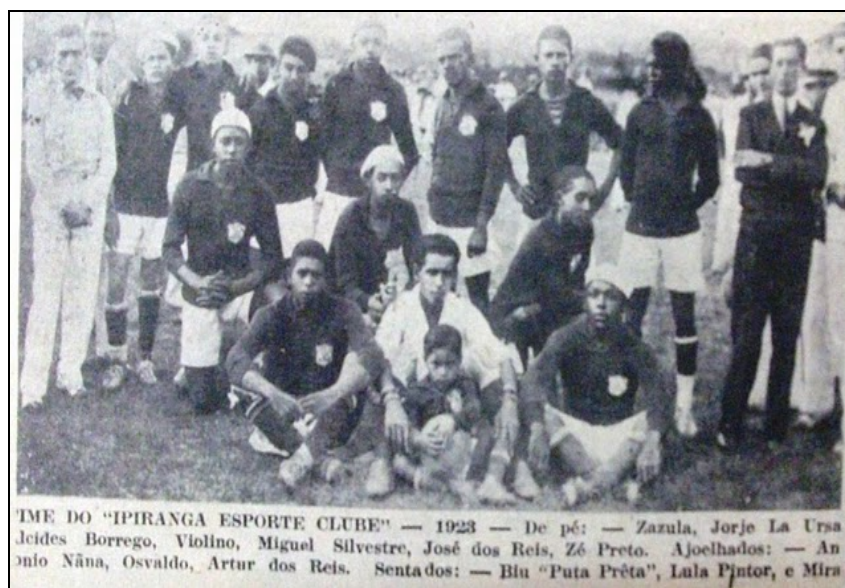
inaugurada em menos de uma semana. Essa praça teve mau começo e péssimo fim: foi arrasada e seu terreno cedido a um particular, na Gestão do Dr. Severino Gomes Procópio, em 1947¹⁵ (grifo nosso)

O próprio Cristino Pimentel critica a troca do nome da Rua do “Açude Novo” denominação inicial, para Rua 13 de Maio. Coincidência? Para o autor, “mudar o nome de uma rua é o mesmo que mudar um destino”. Estaria o autor envolto em suas lembranças da Rua de sua infância, ou o mesmo não se sentiu prestigiado, pois foi essa a única Rua que sobrou fazendo referência ao passado dos negros na cidade? Não temos as respostas, mas fica evidente essa tentativa de “esquecimento” do passado do negro nas ruas de Campina Grande.

Tratando do futebol, hoje, os habitantes desta cidade conhecem bem a rivalidade entre Treze e Campinense, mas poucos sabem que existiu um clube de maioria negra, o Ipiranga. Em entrevista concedida ao Professor Mario Vinicius¹⁶, LULA, nascido em 1907, ex-goleiro do Ipiranga entre 1931 e 1938, com 93 anos na época da entrevista, nos deixa transparecer a questão racial no cotidiano campinense do período. Observemos a imagem a seguir, provavelmente de 1933 e não de 1923, conforme está escrito na legenda, pois o Ipiranga só seria fundado em 1926:

¹⁵ PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2011, p. 26

¹⁶ Entrevista transcrita do site www.cgretalhos.blogspot.com, acesso em 03 de agosto de 2011



FOTOGRAFIA 02- Time do Ipiranga 1933—
Fonte: Site Retalhos históricos de Campina Grande

O Treze foi fundado em 1925. Em maio de 1926 foi a vez do Ipiranga. Na época existiam ainda outras equipes como o Palestra, o Comercial, etc. Contudo. Passemos a palavra ao Sr. Lula e deixemos o mesmo diferenciar as equipes do Treze e do Ipiranga em fins da década de 1920:

O Treze era formado por pessoas que trabalhavam no comércio: empregados ou proprietários de estabelecimento, além de funcionários públicos. Por exemplo, o beque "seu" Lima era empregado da empresa de Tito Sodré; o outro, Zé Eloy, era ourives. Zé Castro negociava com couro. Zacarias "Cotó", que tinha este apelido por ser baixinho, trabalhava numa farmácia... Era considerado o time da elite. Já o Ipiranga era composto por pessoas mais simples, a maioria mecânicos e agricultores, sendo chamado de "o time dos negros", isto durante anos, pois era composto praticamente por pessoas desta cor. Quando cheguei ao Ipiranga, três anos depois, o mais alvo era eu (risos)...¹⁷ (grifo nosso)

Um time de elite e o outro mais popular e de cor: assim, não é de estranhar que houvesse grande rivalidade entre as equipes. É importante mencionar que o jogo de abertura do Estádio Presidente Vargas, no dia 17 de março de 1940, atual campo do

¹⁷ Idem.

Treze Futebol Clube, foi uma partida entre Treze e Ipiranga, que terminou empatada em 3x3. No próprio site, há a escalação do Treze e os nomes dos atletas que marcaram os três gols desta equipe, contudo, sobre o Ipiranga só há a referência que o primeiro gol do Estádio foi marcado por Alcides, jogador do Ipiranga. Não há mais registros. Coincidência, ou mais uma vez o passado do negro é propositalmente levado a ser esquecido?

A Sede social do Ipiranga continuou a funcionar até a década inicial deste século XXI, mas a equipe de futebol deixou de existir bem antes. Contudo, o legado que deixou foi o de ser uma forma de construção de território negro em um ambiente de certo modo elitizado na sociedade campinense. Assim, como o Clube carnavalesco dos Cambimbas, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, o time do Ipiranga mostrou como também no espaço urbano de Campina Grande os negros construíram para si territórios de afirmação de sua identidade étnico-racial.

Contudo, as demolições da Igreja do Rosário no centro da cidade e sua transferência para uma área distante e periférica à época (anos 1940); o fim do clube Ipiranga, a depreciação dos divertimentos negros, a exemplo do bloco dos Cambimbas, a construção relâmpago e demolição do Monumento do Escravo Desconhecido são mostras físicas da tentativa dos grupos dominantes locais de relegar ao esquecimento a luta dos antes, escravos, no século XIX, hoje negros do espaço urbano da cidade. A violência física se transporta para a violência simbólica e a cada investida do Poder Público observamos como se tentou apagar do passado essa cidade negra construída.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: a experiência nortista”. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Político-Econômicas e Práticas Culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001:249-317

BRESCIANI, Stella. “História e historiografia das cidades um percurso”. IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998:237-258

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, 164 p.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução: BOTTMANN, Denise, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará Republicano (1888-1906)*. Salvador, EDUFBA, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, *História e História Cultural*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008

PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande: Editora Teone, 1956.

_____ *Mais um mergulho na história campinense*. 2ª Ed. Campina Grande, EDUFGC, 2011

RIBEIRO, Hortensio de Sousa. *Vultos e fatos*. Impresso no Brasil, 1979.

ROLNIK, Raquel. História urbana: História na cidade? IN: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992, p. 27-29.

SITE

www.cgretalhos.blogspot.com